

## Dimensões

Doree tinha de apanhar três camionetas — uma até Kincardine, onde esperava pela de London, onde por sua vez apanhava o transporte urbano que a levava até ao local. O trajecto começava às nove da manhã de domingo. Por causa dos tempos de espera entre as diferentes camionetas, precisava de cinco horas para percorrer os cento e sessenta quilómetros. Não a incomodava passar tanto tempo sentada, ora nas camionetas, ora nas estações. O seu trabalho, durante a semana, não era daqueles em que se está sentado.

Doree trabalhava como criada de hotel no Blue Spruce Inn. Lavava as casas de banho, mudava as camas, aspirava os tapetes e limpava os espelhos. Ela gostava daquele trabalho, que lhe ocupava em boa parte os pensamentos e a cansava o suficiente para adormecer à noite. Era raro deparar-se com um quarto realmente desarrumado, mas algumas das suas colegas de trabalho contavam episódios de pôr os cabelos em pé. Eram mulheres mais velhas do que ela, e todas achavam que Doree devia tentar encontrar coisa melhor. Diziam-lhe para completar os estudos e tentar arranjar um emprego atrás duma secretária enquanto era nova e tinha bom aspecto. Mas Doree não se queixava. Agradava-lhe não ter de falar com pessoas.

Ninguém no emprego sabia do que tinha acontecido. Ou, se sabiam, não o davam a entender. A fotografia dela viera no jornal — uma que ele lhe tirara, em que ela aparecia com os filhos: Dimitri ao colo, e Sasha e Barbara Ann ao lado, a olharem para a câmara. Na altura Doree usava o cabelo tal como era naturalmente, castanho, ondulado e comprido, como ele gostava, emoldurando um rosto tímido e amável — reflectindo menos o que ela era do que o modo como ele a preferia ver.

Actualmente, usava o cabelo curto e espetado, e mandara oxigená-lo. E emagrecera bastante. E usava o seu segundo nome: Fleur. Além disso,

o emprego que lhe tinham arranjado era numa cidade que ficava a uma boa distância daquela onde tinha vivido.

Era a terceira vez que fazia aquela viagem. Nas duas primeiras, ele recusara-se a vê-la. Doree já decidira que, se ele voltasse a fazê-lo, desistiria simplesmente. Mesmo que ele aceitasse vê-la, era provável que ficasse algum tempo sem regressar. Não queria exagerar. Para dizer a verdade, ela não sabia o que fazer.

Na primeira camioneta, Doree nunca se sentia demasiado ansiosa. Limitava-se a deixar-se ir, olhando a paisagem pela janela. Ela crescera junto à costa, onde existem Primaveras; ali, porém, o Inverno desembocava quase directamente no Verão. Um mês antes ainda havia neve, mas agora estava calor suficiente para andar de manga curta. A espaços, nos campos, viam-se charcos batidos pelo sol e a luz filtrava-se por entre os ramos nus das árvores.

Na segunda camioneta começava o seu nervosismo, e Doree não conseguia deixar de se perguntar se alguma das mulheres no autocarro iria sair no mesmo local que ela. Eram mulheres que viajavam sozinhas, habitualmente vestidas com algum cuidado, talvez para darem a impressão de estarem a caminho da missa. As mais velhas pareciam pertencer a igrejas austeras e antiquadas, onde as mulheres tinham de aparecer de saia e meias e usar alguma espécie de chapéu, enquanto as mais novas poderiam pertencer a uma congregação mais animada, que aceitava calça-casaco, lenços garridos, brincos e penteados arrojados.

Doree não encaixava em nenhuma das categorias. No ano e meio que levava naquele emprego, não comprara uma única peça de roupa. Usava o uniforme durante o trabalho e no resto do tempo calças de ganga. Perdera o hábito de se maquilhar, porque ele não queria, e apesar de agora ninguém lho impedir, continuava a não o fazer. O moicano cor de milho não ia muito bem com o seu rosto ossudo, mas não importava.

Na terceira camioneta, escolhia um lugar à janela e tentava manter-se calma lendo as placas — tanto as de anúncios como as de trânsito. Ela tinha um truque para manter a mente ocupada. Pegava numa palavra qualquer em que calhasse pôr os olhos e tentava ver quantas palavras novas se podia fazer com as suas letras. De «café», por exemplo, podia tirar-se «face», «pastelaria» dava «pastel» e «ária» mas também «rale», «palestra» ou «sapateira». Palavras era coisa que não faltava à saída da cidade, ao passarem por painéis publicitários, centros comerciais, parques de estacionamento e mesmo balões com anúncios imobiliários a pairar sobre telhados.

Doree não revelara à Dr.<sup>a</sup> Sands as suas duas tentativas anteriores, e talvez não o fizesse também em relação a esta. A Dr.<sup>a</sup> Sands, com quem tinha consulta às segundas à tarde, recomendava-lhe que seguisse em frente, embora dissesse sempre que estas coisas levam tempo, que não se podiam apressar. Tinha dito a Doree que ela se estava a sair bem, que estava a descobrir gradualmente novas forças dentro de si.

“Eu sei que estas palavras parecem mortas, de tão batidas”, disse ela. “Mas não deixam de ser verdade.”

Corou ao ouvir-se pronunciar o termo «mortas», mas não piorou a coisa pedindo desculpa.

Quando tinha dezasseis anos — ou seja, sete anos antes —, Doree ia visitar a mãe ao hospital todos os dias depois das aulas. A mãe estava a recuperar de uma operação às costas, que os médicos consideravam séria mas não perigosa. Loyd era enfermeiro. Ele e a mãe de Doree tinham em comum o facto de serem ambos antigos *hippies* — embora Lloyd fosse uns anos mais novo do que ela —, e quando ele tinha tempo vinha conversar com ela e falavam dos concertos a que haviam ido, das manifestações em que tinham participado, das pessoas repugnantes que haviam conhecido, das drogas que os tinham deixado K. O., coisas desse tipo.

Lloyd era popular entre os doentes por causa das suas piadas e dos seus movimentos fortes e confiantes. Era um homem baixo e entroncado, de ombros largos, e suficientemente autoritário para que às vezes o tomassem por um médico. (Não é que isso lhe agradasse — ele achava que a medicina estava cheia de mistificações e que muitos dos médicos eram uns idiotas.) Tinha uma pele fina e avermelhada, cabelo claro e um olhar descarado.

Lloyd beijou Doree no elevador e disse-lhe que ela era uma flor no deserto. Depois riu-se de si próprio e disse: “Sou mesmo original!”

“És um poeta e não sabes”, disse ela, para se mostrar amável.

Uma noite, a mãe dela morreu subitamente, de uma embolia. A mãe de Doree tinha muitas amigas que não se importariam de acolher a filha — e ela até ficou em casa de uma delas durante algum tempo — mas o seu preferido era o novo amigo, Lloyd. No seu aniversário seguinte, Doree estava grávida, casando pouco depois. Lloyd nunca tinha sido casado, embora tivesse pelo menos dois filhos, de cujo paradeiro não estava bem certo. De qualquer modo, já seriam crescidos. A sua visão do mundo mudara com a idade, e agora Lloyd acreditava no casamento, na estabilidade, e não queria ouvir falar em medidas anticonceptivas. E achava a península de Sechelt, onde ele e Doree viviam, demasiado cheia de

gente — de velhos amigos, de velhos hábitos, de antigas amantes. Em breve se mudariam para uma cidade na outra ponta do país, Mildmay, escolhida à sorte num mapa. Não viviam na cidade; alugaram uma casa no campo. Lloyd arranhou emprego numa fábrica de gelados. Plantaram um jardim. Lloyd sabia imenso de jardinagem, tal como sabia construir uma casa em madeira, trabalhar com uma caldeira a lenha ou manter um carro velho em funcionamento.

Sasha nasceu.

“É perfeitamente normal”, disse a Dr.<sup>a</sup> Sands.

“É?”, disse Doree.

Doree sentava-se sempre numa cadeira de costas rectas, de frente para a secretária, e não no sofá, que tinha um revestimento às flores e almofadas. A Dr.<sup>a</sup> Sands puxava a sua cadeira para um dos lados da secretária, para poderem conversar sem qualquer tipo de barreira entre elas.

“Estava mais ou menos à espera que fizesse isso”, disse ela. “Penso que faria o mesmo, na sua situação.”

Nos primeiros tempos a Dr.<sup>a</sup> Sands jamais diria algo do género. Mesmo um ano antes, teria sido mais cautelosa, sabendo que Doree ficaria indignada só com a ideia de alguém, algum ser vivo, se imaginar na sua situação. Mas agora ela sabia que Doree encararia aquilo apenas como uma forma, ainda que modesta, de tentar compreender.

A Dr.<sup>a</sup> Sands não era como alguns dos outros médicos. Não era apressada, nem magra, nem bonita. Também não era demasiado velha. Teria a idade da mãe de Doree, se fosse viva, embora não parecesse alguma vez ter sido *hippie*. Tinha o cabelo cinzento cortado curto e num dos lados da cara destacava-se a protuberância de um molar encavalgado. Usava sapatos rasos, calças largas e blusas às flores. Mesmo quando eram de um vermelho-vivo ou azul-turquesa, essas blusas não sugeriam grande cuidado no vestir — era como se alguém lhe tivesse dito que devia vestir-se melhor e ela tivesse entrado obedientemente numa loja para comprar umas peças que pudessem cumprir esse desiderato. A sua sobriedade gentil e volumosa retirava a essas roupas tudo o que nelas poderia haver de ofensivamente alegre.

“Bom, nas duas primeiras vezes não cheguei a vê-lo”, disse Doree. “Ele não quis sair.”

“Mas desta vez viu-o? Ele saiu?”

“Sim. Mas mal o reconheci.”

“Envelheceu muito?”

“Creio que sim. Pareceu-me mais magro. E aquelas roupas que eles usam. Uniformes. Nunca o tinha visto vestido com nada do género.”

“Acha que ele mudou, como pessoa?”

“Não.” Doree mordeu o lábio superior, tentando perceber em que é que Lloyd estava diferente. Parecera-lhe muito tranquilo. Nunca o tinha visto tão tranquilo. Ficara com a ideia de que ele não sabia sequer se havia de se sentar à sua frente. As primeiras palavras que Doree lhe dissera haviam sido: “Não te vais sentar?” E ele respondera: “Será que posso?”

“Parecia um pouco ausente”, disse ela. “Suponho que o estejam a medicar, não?”

“É possível que lhe dêem qualquer coisa, para o manterem equilibrado. Mas não afirmo nada. Tiveram uma conversa?”

Doree não sabia se «conversa» seria a palavra certa. Ela fizera-lhe algumas perguntas estúpidas, corriqueiras. Como é que ele estava? (O. K.) Tinha comida suficiente? (Ele achava que sim.) Havia algum local onde pudesse passear, se lhe apetecesse? (Sim, sob vigilância. Se é que se podia chamar àquilo um «local». Se é que se podia chamar aquilo «passear».)

Doree dissera-lhe: “Precisas de ar fresco.”

Ele respondera: “Isso é verdade.”

Esteve quase para lhe perguntar se fizera amigos ali. Como se pergunta a um filho como vão as coisas na escola. Como de facto lhes perguntaríamos, se tivéssemos filhos na escola.

“Pois”, disse a Dr.<sup>a</sup> Sands, empurrando na direcção dela a caixa de lenços de papel. Doree não precisava de lenços, tinha os olhos secos. O problema era no fundo do estômago. As contracções que sentia.

A Dr.<sup>a</sup> Sands limitou-se a esperar, ciente de que era preferível não lhe tocar.

Então, como se tivesse adivinhado o que ela estivera para lhe perguntar, Lloyd contara-lhe que havia um psiquiatra com quem conversava amiúde.

“Eu digo-lhe que está a perder o seu tempo”, disse Lloyd. “Eu sei tanto como ele.”

Esta fora a única frase que lhe recordara o Lloyd de antigamente.

Sentiu o coração acelerado durante toda a visita. A ponto de pensar que ia desmaiar ou morrer. Custou-lhe muito olhar para ele, fixar no seu campo de visão aquele homem magro e de cabelos brancos, hesitante e ao mesmo tempo impassível, cujos gestos pareciam mecânicos e ao mesmo tempo descoordenados.